

A propósito do artigo “Aquisição da linguagem: novos modelos e velhas análises”, de Ruth Lopes

Miriam Lemle*

Como bem ressalta Ruth Lopes, com indisfarçadas pitadas de consternação, as pesquisas em aquisição de linguagem feitas no espírito da gramática gerativa não têm, e não podem ter, autonomia teórica, porque o seu objeto de estudo não é a criança real mas sim a Capacidade de Linguagem. Esta maneira de ver o problema da aquisição pautará de modo fundamental a observação empírica. As perguntas básicas são: (i) qual o aporte específico do estado inicial dessa capacidade, instalado na mente por dotação genética? (ii) como o conteúdo específico dessa capacidade passa do estado inicial aos estados intermediários e finalmente chega ao estado estável, que é a língua adquirida? (iii) de que modo as interfaces articulatório-perceptual e conceitual-intencional interagem com a capacidade de linguagem, e até que ponto a afetam em sua arquitetura?

Em seu texto, Lopes faz um esboço do percurso da teoria gramatical no espírito de Princípios e Parâmetros, desde a versão da teoria da regência e ligação (N. Chomsky, *Lectures on Government and Binding*, 1981) até o Programa Minimalista, mostrando bem como essa passagem não é apenas uma mudança notacional, mas sim um novo modo de conceber a arquitetura essencial do sistema. No modelo minimalista, a Sintaxe Estrita passa a ser vista exclusivamente como uma computação de traços, cujo pro-

* UFRJ.

duto é enviado para as duas interfaces interpretativas, a Fonologia e a Semântica. Daí se seguem as perguntas que guiam a pesquisa da aquisição: O que há de fixo entre as línguas? O que varia? O que a criança assume porque traz em sua bagagem de cognição inata? O que vê nos dados primários, que lhe faz efetuar as opções paramétricas de sua língua: a evidência em Forma Fonológica? a evidência semântica (em Forma Lógica)?

O texto de Ruth Lopes, ao discutir estudos de aquisição, mostra bem como a versão teórica adotada pelo investigador afeta a sua expectativa do que seja a "criança minimalista". Deixar de lado a contribuição empírica das pesquisas pode ser interpretado como indicando que enquanto o adulto minimalista não estiver bem descrito e compreendido, descrições da criança minimalista são obscuros tateios, de interpretação precária.

Quero aproveitar este diálogo para acrescentar mais questões às questões, já que questões são, por ora, a nossa melhor verdade nessa área de estudo. Em Chomsky (2001, *Beyond Explanatory Evidence*, distribuído por MITWPL), as condições de aquisição de linguagem são assim descritas: (i) elementos do Estado Inicial, inexplicadas (ii) condições impostas pelas interfaces, (iii) propriedades gerais de eficiência (economia) da computação. Pela "tese minimalista forte", que é a preferida de Chomsky, o item (i), ou seja, o que seria específico da Linguagem, é vazio, sendo todas as características da Linguagem decorrentes de condições de interface e de eficiência computacional. Após essa notícia chocante de que o Estado Inicial de Faculdade de Linguagem seria vazio, o artigo prossegue como um resumo de "Derivation by Phase": há o Léxico de onde a Numeração é selecionada, há Merge e Move, Checagem de unidades com traços não interpretáveis por unidades com traços interpretáveis, Mover para checar e eliminar traços não interpretáveis, Mover cíclico e sempre para a borda, discursivamente motivado. Há fases, ou seja, ciclos em que as cadeias geradas pela sintaxe estrita são remetidas, em Spell-Out, para a fonologia e a semântica. As interfaces Fonologia e Semântica efetuam, a primeira, a linearização do que lhe é entregue, e a semântica a interpretação semântica. Nesta, há dois tipos de interpretação: a da teoria temática, encarregada dos papéis temáticos que cada argumento recebe, no sopé dos diagramas arbóreos, e outras informações como escopo, informação novo-velho, especificidade, expressas mais em cima no diagrama, na região do Complementizador. A operação de deslocamento é

motivada por propriedades de escopo e discurso, sendo a checagem de traços interpretáveis e não interpretáveis o mecanismo para efetuar o deslocamento, o qual, por razão de eficiência na computação, tem que ser cíclico. Com isto, Chomsky retira movimento da classe dos elementos do Estado Inicial e o coloca na classe das imposições da interface e eficiência computacional, contente de estar se aproximando da sua querida "tese minimalista forte", isto é, tudo em Estado Inicial possui princípios explicativos nas condições de interface e eficiência computacional.

Essa nova maneira de fazer os recortes entre os módulos desembocará sem dúvida em um novo modo de perguntar, ver, descrever e explicar o percurso da criança aprendendo língua, já que língua é forjada pelas interfaces. Se é assim, temos que repensar o quê, o porquê e o como em nossas novas pautas de pesquisa de aquisição.